



educando meninas

James Dobson

JAMES DOBSON

EDUCANDO MENINAS

Traduzido por SUSANA KLASSEN

ALGUNS ANOS ATRÁS, ESCREVI um livro intitulado *Educando meninos*, que vendeu mais de 2 milhões de exemplares. Desde sua publicação, pessoas na rua, em restaurantes e aeroportos me abordam e perguntam: “Quando você vai escrever *Educando meninas?*”. Meus editores faziam a mesma pergunta cada vez que nos encontrávamos. Agora, até crianças começaram a me pressionar. Há algum tempo, uma carta escrita com letra irregular chegou ao meu escritório:

Querido dr. James Dobson,

Tenho 6 anos. Tenho dois irmãos mais velhos. Quero saber quando você vai escrever *Educando meninas*. Porque minha mãe quer muito ensinar meninas. Gostaria que você trabalhasse nesse livro.

Julie

Tudo bem, Julie, você venceu. Eu topo. E obrigado por seu bilhete amável. Aposto que sua mãe insistiu para você escrevê-lo porque a menina que ela deseja ensinar... é *you*. Espero poder conhecê-la um dia, pois algo me diz que você é uma garota muito especial.

Recebi milhares de outras cartas interessantes de meninos e meninas, quase todos mais velhos que Julie. Alguns se dizem zangados comigo e me culpam pela forma como seus pais os disciplinaram. Tempos atrás, um estudante universitário enviou um poema para expressar seu ponto de vista:

Eis a verdade, nua e crua:
Quando eu era pequeno,
Apanhei por culpa sua.

Uma de minhas cartas prediletas é de uma menina de 14 anos chamada Tiffany, que estava soltando fogo pelas ventas quando escreveu, sem rodeios:

Odeio você, dr. Dobson.

Hoje eu tive que assistir ao filme mais idiota do mundo sobre sexo. Foi você que fez esse filme. HA! como se você entendesse do assunto. Além disso, agora minha mãe só me deixa assistir no cinema aos filmes dos quais ela leu a sinopse, graças ao seu programinha “antenado”, agora eu não tenho mais vida social porque todos os meus amigos vão ao cinema e assistem a filmes legais. E eu só posso assistir ao *Uma garota encantada*. Nossa, que divertido!

No trecho seguinte, Tiffany coloca toda a delicadeza de lado. Deve ter visto uma foto minha de muitos anos atrás. Meus óculos fora de moda inspiraram seu golpe final:

Espero que você compre um óculos novo porque, seja você médico ou não, a verdade é que o óculos que você usa ocupa seu rosto inteiro.

Com amor, sempre,

Tiffany

Que doce de garota! Só uma menina de 14 anos seria capaz de começar uma carta declarando que me odeia e terminar com uma promessa de amor eterno. Aposto como Tiffany é um desafio e tanto para os pais dela, mas dias melhores estão por vir. Quando escrevi meu primeiro livro sobre educação de filhos, os pais que aconselho hoje eram crianças petulantes como Tiffany, mas algo engraçado aconteceu. Eles cresceram, tiveram seus próprios filhos geniosos e agora estão à procura de ajuda. É gratificante ver a segunda geração de pais e mães aprenderem a tratar das mesmas questões e dos mesmos problemas que eles próprios causaram aos seus pais 25 anos atrás. Quem sabe terei a oportunidade de aconselhar a terceira geração, quando Tiffany tiver seu primeiro bebê? A essa altura, ela e outras jovens mães de sua geração verão as coisas de forma bem diferente. Mas estou me adiantando...

O título que escolhi para este livro, *Educando meninas*, faz uma asserção fundamental: pressupõe que os pais têm a responsabilidade não apenas de

supervisionar o crescimento e desenvolvimento de suas meninas (e meninos), mas também de educá-las de modo deliberado, formando dentro delas certas qualidades e atributos de caráter. O sábio rei Salomão tratou dessa obrigação mais de 2.900 anos atrás quando escreveu: “Ensina a criança no caminho em que deve andar, e, ainda quando for velho, não se desviará dele” (Pv 22.6, RA). O apóstolo Paulo acrescentou outra dimensão ao dizer: “Pais, não irrite seus filhos; antes criem-nos segundo a instrução e o conselho do Senhor” (Ef 6.4).

Pare e pense nas implicações desses textos da Escritura. Significam que a criança deve ser ensinada a reverenciar a Deus e a seu Filho, Jesus Cristo, e a entender a dimensão espiritual da vida? Sim, esse é seu significado principal. Creio, contudo, que nos instruem a ir além.

Os filhos são uma dádiva de Deus, confiados a nós para zelarmos por seu bem-estar. Nesse sentido, educar nossas filhas implica ajudá-las a atravessar os campos minados com os quais depararão na cultura atual: ensinar-lhes valores eternos, talentos e perspectivas. Significa instilar nelas o apreço pela verdade, confiabilidade, autodisciplina, autocontrole, generosidade e mansidão de espírito. Significa incutir-lhes recato, moralidade e boas maneiras. Significa ajudá-las a superar as tendências naturais ao egoísmo, à agressividade, à violência e ao desleixo. Significa orientá-las a trabalhar, aprender e pensar. E essa lista é só o começo; daí a educação dos filhos ser uma responsabilidade tão assustadora, que requer previdência e planejamento. É disso que trataremos nas páginas a seguir.

Minha paixão pelo assunto em pauta tem a ver com a filha que ainda me chama de papai. Agora ela é adulta, mas eu a amo tanto quanto em nosso primeiro encontro na sala de parto. Algo vibrante ocorreu entre nós naquela noite mágica, algo que permanece até hoje. Quando Danae tinha 3 anos, eu era professor de pediatria em uma faculdade de medicina e pesquisador em um grande hospital infantil. Cinco dias por semana, enquanto eu me preparava para enfrentar o trânsito de Los Angeles, Danae chorava, pois não queria que eu partisse. Eu sempre lhe dava um grande abraço e prometia me apressar de volta para casa no final da tarde, mas ela ficava desconsolada. Ainda posso ver minha garotinha querida chorando em frente à porta de casa.

Certa manhã, percebi Danae particularmente chateada enquanto eu explicava outra vez por que o papai precisava ir trabalhar. Seus lindos olhos azuis marejaram de lágrimas, e ela disse, com tristeza: “Tudo bem, papai. Eu perdoo você”.

Algumas semanas atrás, perguntei a minha filha se ela se lembrava dessa época. Danae tem memórias muito vívidas da infância, o que às vezes é quase assustador. Ela não apenas se lembrava de ter chorado na manhã que eu descrevi, como também se recordava de algo que eu havia esquecido.

Um dia, quando Danae tinha 3 anos, ela e a mãe foram até o jardim na frente da casa para acenar enquanto eu partia. Eu já havia saído de ré da garagem e não as vi na frente de casa. Danae se lembra de como ela chorou de decepção. Quando cheguei ao fim do quarteirão, porém, vi minha pequena família de relance no retrovisor. As duas ainda acenavam sem parar. Enquanto eu virava a esquina, coloquei o braço para fora da janela e retribuí o aceno. Mesmo depois de tantos anos, Danae se lembra da emoção que sentiu naquele momento em que seu papai acenou de volta para ela.

Como eu era capaz, aliás, como *nós* somos capazes de nos permitir ficar tão atarefados com as preocupações da vida a ponto de descuidar de nossos garotinhos e de nossas garotinhas vulneráveis e deixá-los desprotegidos de influências nocivas? Como somos capazes de lhes negar o amor e a atenção pelos quais anseiam? E como somos capazes de deixá-los sair para um mundo perigoso sem fixar, primeiramente, alicerces sólidos que os mantenham firmes? Nenhuma outra prioridade se equipara à responsabilidade de ensinar nossos filhos no caminho em que devem andar, como disse Salomão. Esse é o rumo que tomaremos nas páginas seguintes.

Trataremos de informações, abordagens, respostas, soluções e recomendações que resistiram à prova do tempo. Nosso enfoque será a influência de mães, pais, professores e colegas. Falaremos sobre meninas de todas as idades, desde a primeira infância até a idade adulta, e consideraremos as armadilhas que certamente se postam ao longo do caminho. Conversaremos sobre como ensinar meninas a se tornarem mulheres distintas. Trataremos da busca por valor próprio, do despertar sexual, de pais ou mães que educam os filhos sozinhos, do desenvolvimento emocional e dos princípios básicos para educar meninas. E, é claro, falaremos de puberdade, adolescência e da obsessão pela beleza.

Por fim, trataremos da instrução espiritual em casa e dos motivos pelos quais a pureza deve ser ensinada às meninas desde a idade pré-escolar até o momento em que deixam o lar. É aí que reside nossa esperança. Há tanta coisa a ser dita. O preparo deste livro envolveu mais de 3 mil páginas de pesquisas e materiais de referência. Esta é minha 33ª obra e levei mais de três anos para concluí-la. Demorei tanto porque precisei decidir o que deixaria de fora. Tudo parecia importante.

O que pretendo compartilhar com vocês, mães e pais, se tornou minha obsessão. Sinto um nó na garganta cada vez que penso nas crianças preciosas que sabem tão pouco sobre a vida; fico pensando em maneiras de proteger sua inocência e preservar as alegrias da infância.

Essa é a nossa tarefa. Portanto, prepare uma xícara de café bem quente ou ponha a água do chá para ferver e sente-se numa poltrona confortável. Vamos conversar.

2

Meninas em perigo

A PESQUISA QUE FUNDAMENTOU *Educando meninos*, um de meus livros anteriores, mostrou claramente que os meninos enfrentavam problemas sérios em diversas áreas. Desde a pré-escola até a idade adulta, saíam-se mal segundo quase todos os critérios de saúde emocional, educacional e física. Eram duas vezes mais propensos que as meninas a desenvolver problemas de aprendizado, três vezes mais inclinados a se viciar em drogas e quatro vezes mais passíveis de sofrer distúrbios emocionais.¹ Eram mais suscetíveis a esquizofrenia, autismo, vício sexual, alcoolismo e todas as formas de comportamento antissocial e criminoso.² Eram dez vezes mais propensos a cometer homicídio,³ e o índice de mortes de indivíduos do sexo masculino em acidentes de carro era 50% mais elevado.⁴ Quanto aos processos legais relacionados à delinquência, 77% envolviam indivíduos do sexo masculino.⁵

Há motivos de sobra para crer que, em termos gerais, os meninos continuam a enfrentar essas dificuldades ainda hoje. Comparados com as meninas, eles se encontram em séria desvantagem na escola. São pouquíssimos os lugares no mundo em que, na média, os meninos leem melhor do que as meninas. Nos Estados Unidos, para cada 100 meninos transferidos para turmas avançadas na escola, são transferidas 124 meninas.⁶ De acordo com o sociólogo Andrew Hacker, 3 dentre 4 meninas no último ano do ensino médio afirmam passar uma hora ou mais por dia fazendo tarefa de casa, comparado com apenas 50% dos meninos.⁷

Como seria de esperar diante dessas estatísticas, menos rapazes frequentam e concluem a faculdade. De todos os candidatos a programas de mestrado, 59%

são mulheres, e a porcentagem de homens em profissões que exigem nível superior diminui a cada ano.⁸ Quando alunos do oitavo ano foram entrevistados a respeito de suas aspirações para o futuro, as meninas se mostraram duas vezes mais propensas a responder que pretendiam ingressar em uma carreira na área de administração de empresas ou em alguma profissão liberal.⁹ Os meninos, em contrapartida, muitas vezes não sabem o que querem. Mesmo nos últimos anos do ensino médio, são menos propensos a estabelecer alvos ou a pensar em trabalhar com o afinho necessário para alcançá-los.

Essa falta de motivação acadêmica em muitos meninos traz sérias implicações para meninas e mulheres. Muitas mulheres que atuam em profissões liberais já percebem uma falta de pretendentes com nível de instrução comparável ao delas. Como alguém disse com um sorriso nos lábios, “há tantas Cinderelas e tão poucos príncipes”. Homem e mulher foram criados um para o outro e são interdependentes de inúmeras maneiras. Tudo que afeta um dos sexos, seja de forma positiva ou negativa, certamente influencia o outro. Por isso, a guerra entre os sexos, que continua intensa há quase quarenta anos, é tão deplorável e absurda.

Bem, esse cenário nos remete à situação das meninas. Quão saudáveis elas são em termos físicos e emocionais? Embora nossas filhas estejam se saindo relativamente bem na área acadêmica e em alguns critérios de saúde social e física, devo dizer que, em vários sentidos, estou ainda mais preocupado com as meninas do que com os meninos. Tanta coisa mudou para pior nos últimos anos. As meninas encontram-se sob uma forte pressão raramente experimentada por suas mães, avós e outras mulheres de gerações anteriores. As garotinhas de hoje são instigadas a crescer rápido demais e deparam com desafios para os quais não têm preparo nenhum. É evidente que se trata de uma generalização com muitas exceções, mas são muitas as meninas e mulheres em apuros.

A inquietação dessas garotas fica evidente na variedade de comportamentos que não fazem nenhum sentido para membros da família, amigos e quem as observa a distância. Nota-se, por exemplo, uma incidência crescente de distúrbios alimentares como anorexia e bulimia entre as jovens. A obsessão com a magreza extrema varreu as nações ocidentais como uma epidemia viral. Embora presente causas psicológicas variadas e complexas, esse tipo de distúrbio

é desencadeado principalmente pelo medo de ser obesa, ou mesmo “cheinha”, na infância e na adolescência.¹⁰ Dentre os indivíduos afetados, 90% são meninas, e algumas começam a manifestar sintomas já aos 5 anos.¹¹ Imagine uma coisa dessa! Algumas das pequenas anoréxicas ainda estão na pré-escola! Em uma pesquisa da American Academy of Child and Adolescent Psychiatry, 40% das meninas com idade entre 9 e 10 anos disseram ter tentado perder peso.¹² Nunca as crianças se preocuparam tanto com a forma de seu corpo.¹³ Mais cedo ou mais tarde, um terço dessas meninas recorrerá a algum modo perigoso de perder peso, como remédios para dieta, laxantes, vômito, jejuns e atividade física excessiva.¹⁴ Quando chegarem aos 15 anos, mais de 60% estarão usando substâncias e métodos nocivos.¹⁵ Em um capítulo mais adiante, falaremos sobre como esse medo da obesidade pode levar à anorexia, à bulimia e a outros males.

Alunas do segundo ciclo do ensino fundamental e do ensino médio inspiram outras preocupações. Algumas se cortam, mutilam e colocam *piercings* pontiagudos e argolas em locais como língua, lábios, nariz, sobrancelhas, orelhas, umbigo, mamilos e genitália. Algumas tentam simbolizar escuridão e morte por meio do estilo que adotam e dos adornos que colocam no corpo. Outras envolvem-se em agressão sexual, drogas, alcoolismo, intimidação, mentira e rebeldia em casa e na escola.

Uma porção de “meninas malvadas” que desfilam por nossa cultura ajuda a promover alguns desses comportamentos antissociais e perigosos. São ícones *pop* e celebridades que exercem grande influência sobre as adolescentes. Embora as personalidades em alta mudem com frequência, podemos citar exemplos como Paris Hilton, Nicole Richie, Britney Spears, Lindsey Lohan e outras mulheres sensuais que contribuem para desvirtuar a atual geração de meninas. As mais ousadas ocasionalmente não usam roupas de baixo e se deixam fotografar por *paparazzi* em ângulos estratégicos.

Angelina Jolie, outra “menina má”, disse numa entrevista a um periódico alemão: “Duvido que a fidelidade seja absolutamente essencial para o relacionamento. É pior abandonar seu parceiro e falar mal dele depois. Brad e eu jamais afirmamos que viver juntos significa estar mutuamente acorrentados. Fazemos de tudo para nunca reprimir um ao outro”.¹⁶

Nunca reprimir um ao outro? Imagino que Angelina e Brad dormem com quem eles querem e esperam que o relacionamento deles permaneça intacto. O tempo revelará que estão tragicamente equivocados.

A triste verdade é que essas celebridades despidoras se tornaram modelos para milhões de garotas, fazendo vulneráveis aspirantes à fama desprezarem a própria aparência. Como poderão as meninas que acabaram de entrar na adolescência, usam aparelho e têm espinhas no rosto alcançar esse padrão de suposta perfeição? Claro que a maioria *não* consegue. Consequentemente, elas odeiam a si mesmas por aquilo que são e por aquilo que nunca serão.

De acordo com o Center on Alcohol Marketing and Youth (CAMY), da Universidade de Georgetown, um número crescente de jovens bebe em excesso.¹⁷ Em um período de seis meses, 31% das meninas ingeriram bebidas alcoólicas, em comparação com 19% dos meninos.¹⁸ Embora os números sejam mais reduzidos, há uma tendência alarmante de garotas adolescentes se despirem em troca de dinheiro.¹⁹ A prostituição, evidentemente relacionada a esse comportamento, parece estar se alastrando. Pessoas cada vez mais jovens, em geral de classe média, estão se envolvendo com sexo pago.²⁰ A maioria não é de adolescentes que fugiram de casa ou de jovens “rebeldes”, mas de adolescentes comuns em busca de atenção, aventura, dinheiro e uma forma de preencher o vazio interior.

Em uma coluna do jornal *Los Angeles Times* intitulada “Tempos assustadores para educar uma filha”, o escritor Steve Lopez reflete sobre as implicações dessas e de outras novas questões preocupantes relacionadas a meninas. Lopez comenta:

Três meses atrás, enquanto as contrações de minha esposa ficavam cada vez mais próximas, ligamos a televisão para nos distrair antes de ir para o hospital.

Péssima ideia.

Ninguém espera muito esclarecimento vindo da telinha hoje em dia. Mas, enquanto mudávamos de um programa de namoro ou *reality show* espalhafatoso e enfadonho para outro, me perguntei se precisávamos fazer um exame psiquiátrico, tendo em vista havermos decidido colocar uma criança neste mundo.

Especialmente uma menina.

Não é só a televisão que me assusta. A internet, a música *pop*, o rádio e os anúncios publicitários também. Os elementos mais obscenos de cada um dos meios de comunicação agora dominam a cultura popular, e a mensagem incessante, repisada pela mídia voltada principalmente para os jovens, é clara: tudo tem a ver com sexo.

Por certo, alguns de nós que nascemos nos anos 1960 tivemos nossos dias *hippies* de rebeldia e amor liberal, mas aquilo foi uma revolução social e não uma campanha orquestrada por grandes corporações.

Hoje em dia, se você ainda não transou é um fracassado. Se você não tem a expectativa de transar no futuro imediato, tente cirurgia plástica, pois não há nada que valha mais a pena almejar do que o *sex appeal*, a única medida verdadeira de realização humana.

Sim, reconheço que tudo isso me perturba porque tenho uma bebezinha. A cada dia, sinto-me mais como Dan Quayle, que, certa vez, foi ridicularizado por condenar a protagonista do seriado *Murphy Brown*, uma mãe solteira.

Onde está Dan Quayle quando precisamos dele?²¹

Steve Lopez tem razão. Como seus irmãos, muitas meninas são vitimadas pelas influências culturais cada vez mais violentas, hipersexualizadas e espiritualmente falidas. O cerne da questão é que nossa sociedade está em guerra com os pais dedicados que procuram, de todas as maneiras, proteger os filhos das forças nocivas ao seu redor.

Permitam-me fazer algumas perguntas retóricas para vocês que estão educando meninas. Vocês esperam que suas filhas sejam sexualmente promíscuas ainda que mal tenham entrado na adolescência? Quase posso ouvir a maioria responder: “Claro que não!”. Mas peço que tenham um pouco de paciência enquanto termino minha ilustração. Vocês preferem que suas meninas sejam impetuosas, atrevidas e agressivas em seus relacionamentos com o sexo oposto? Esperam que elas sejam alvos fáceis para garotos em busca de conquistas sexuais? É seu desejo que elas imitem comportamentos masculinos irresponsáveis, como a irascibilidade, a obscenidade, a insensibilidade e a falta de respeito para com os outros? Querem que elas falem palavrões, sejam grosseiras, insolentes, irreverentes e malcriadas?

É seu desejo que se vistam de forma provocante, mostrando mais e cobrindo menos, a fim de atrair a atenção dos garotos? Quando elas chegarem à adolescência, querem que se pareçam com prostitutas de lábios inchados com colágeno e seios injetados com silicone? Querem que tenham argolas penduradas em várias partes do corpo e pintem o cabelo de verde, laranja, roxo e rosa? Querem que elas tenham tanta vergonha do corpo a ponto de, aos 9 anos, sentirem a obrigação de fazer dieta e, aos 13, terem medo de comer? Ficam tranquilos ao saber que professores incentivarão suas jovens filhas a experimentarem relacionamentos lésbicos e lhes dirão que a bissexualidade é ainda melhor? Esperam que suas meninas aprendam que o casamento é uma instituição obsoleta que precisa ser redefinida ou descartada? Querem que desprezem as crenças espirituais tão preciosas que vocês lhes têm transmitido desde que elas estavam na mais tenra infância?

Se essas forem suas aspirações para suas garotinhas vulneráveis, e tenho certeza de que não é esse o caso, você não precisará fazer nada para alcançá-las. A cultura popular se encarregará disso. Ela é projetada para transformar a presente geração de crianças em pequenos e politicamente corretos clones da MTV. A influência da indústria de entretenimento, da Madison Avenue,²² da internet, de músicos de *hip-hop*, de algumas escolas públicas, de universidades liberais e outras instituições está moldando e desvirtuando os jovens e incutindo neles ideias nocivas que os despojam da inocência da infância. Como resultado, algumas de nossas meninas perderão a perspectiva de ter uma vida feliz e produtiva. O que está em jogo é a felicidade de suas futuras famílias. É isso que os anos vindouros reservam para os filhos cujos pais estão esgotados de tanto trabalhar, confusos, exaustos e alheios. Sem o cuidado e a preocupação dos pais, a cultura carregará esses jovens para o inferno. Vi isso acontecer inúmeras vezes. Mesmo com a supervisão adequada dos pais, muitas de nossas crianças correm perigo.

Minha maior preocupação é com as crianças cronicamente solitárias em nosso meio. Os pais ficam fora a maior parte do tempo, e elas precisam se virar sozinhas. Os seres humanos precisam encarecidamente uns dos outros; quem vive isolado não se desenvolve. Além de se meterem em encrencas, as crianças

solitárias se tornam presas fáceis para abusadores que entendem o vazio que elas sentem e se aproveitam dele.

Uma coisa é certa: seus filhos são alvo de empresas dispostas a explorá-los para obter lucro rápido. Alguém duvida que a indústria pornográfica queira vender imagens obscenas e depravadas para adolescentes curiosos, pouco importando os resultados de expô-los à pornografia? Os homens (e as mulheres) desprezíveis que vendem essas imagens não esperam os “clientes” baterem à porta. Eles vão atrás de seu público-alvo. De acordo com o ex-procurador público John Ashcroft, nove entre dez adolescentes já foram expostos a imagens pornográficas.²³ Aqueles que deparam com esse conteúdo vergonhoso na internet ou em outros meios de comunicação são extremamente susceptíveis ao que veem. Já aos 13 anos, é muito fácil meninos desenvolverem comportamentos viciantes e progressivos que os atormentarão para o resto da vida. Essa realidade afeta as meninas de forma direta, pois seus namorados esperam que elas imitem aquilo que é retratado em produtos obscenos.

Inúmeras outras empresas procuram manipular as meninas. A Mattel, Inc., por exemplo, lançou a boneca *sexy* “My Scene My Bling Bling Chelsea Doll”,²⁴ chamada pelos críticos de “Barbie Vadia”.

Além de estarem se tornando cada vez mais sexualizados, os brinquedos também estão passando por um processo de “compressão etária”. Em outros tempos, o público-alvo da Barbie e de outras bonecas de vestir era constituído de meninas de 6 a 10 anos. Agora, a Barbie é vendida para meninas de 3 a 5 anos. Stacy Weiner observa que isso corresponde a “dar adeus à infância da menina”.²⁵ E o autor Bruce Kluger comenta: “As bonecas percorreram uma trajetória e tanto desde os tempos de Raggedy Ann”.²⁶

Especialistas em desenvolvimento infantil alertam sobre o perigo de os pais atraírem pedófilos ao vestirem as filhas como se fossem mulheres sensuais. A American Psychological Association (APA) adverte que a sexualização das crianças resulta nos três problemas de saúde mental mais comuns entre meninas e mulheres: distúrbios alimentares, baixa autoestima e depressão.²⁷ Será que a APA precisa mesmo convencer mães e pais de que é pura estupidez transformar suas garotinhas de 6 anos em meninas insinuantes?

A pergunta que ainda não teve resposta é: “Onde estão os pais?”. Evidentemente, meninas de 5 anos não têm como comprar calcinhas tipo fio dental, roupas de baixo enfeitadas com *strass*, ou bonecas que se parecem com pequenas prostitutas. O dinheiro precisa vir dos pais. De acordo com registros de vendas de alguns anos atrás, os pais gastaram 1,6 milhão de dólares em calcinhas tipo fio dental para suas filhas de 7 a 12 anos.²⁸ Infelizmente, muitos adultos que deveriam saber discernir entre certo e errado abdicaram da responsabilidade de guiar seus filhos queridos.

Não deve causar espanto o fato de muitas adolescentes criadas em meio ao idiotismo sexual do século 21 adotarem a promiscuidade como modo de vida. Michelle Malkin, uma de minhas colunistas e comentaristas de televisão prediletas, incentiva-nos a reconhecer o que está acontecendo com nossas crianças. Ela escreve:

Como mãe de uma menina de 4 anos e um menino de 8 meses, fico cada vez mais abismada com o ataque liberal à decência, com a banalização da vulgaridade e com o papel da mídia em geral como colaboradora desavergonhada [...]. Quem vê pode até pensar que é normal vestir roupas insinuantes aos 5 anos, usar pulseirinhas do sexo e discutir sexo oral aos 10, mostrar os seios para a câmera aos 15, ser paga para fazer sexo anal aos 20, manter planilhas do Excel para computar conquistas sexuais e usar o aborto como forma de controle de natalidade até a menopausa. Quando mulheres conservadoras dizem: “Tenham um pouco de respeito próprio”, os liberais na mídia nos chamam de moralistas. Quando mulheres conservadoras dizem que a promiscuidade é degradante e autodestrutiva, os liberais na mídia nos chamam de puritanas. Quando mulheres liberais levantam a voz, são elogiadas por sua “impetuosidade”. Quando mulheres conservadoras levantam a voz, são condenadas por seu “exagero”.²⁹

Malkin conclui com o seguinte conselho aos pais:

Sejam “puritanos”. Sejam “indelicados”. Sejam “exagerados”. E nunca, jamais, sintam qualquer constrangimento ao perguntar em alta voz: “Vocês não têm vergonha?”.³⁰

É evidente que nossos filhos estão na mira da cultura atual, e precisamos escolher entre nos deixar levar por ela ou combatê-la com todos os nossos recursos. Que Deus tenha misericórdia de nossos filhos se permanecermos passivos e indiferentes.

Espero que agora você entenda o motivo de eu estar tão preocupado com as meninas. Elas correm perigo extremo em nossos dias e são mais sensíveis e frágeis que seus irmãos. Quer minha opinião seja politicamente correta quer não, creio que a natureza emocional inerente às garotas as torna mais susceptíveis à manipulação. No recôndito de sua alma feminina encontra-se um anseio por amor e intimidade. Por isso, abrem-se, sem compromisso, para garotos que poderiam, por algum milagre, proporcionar-lhes a afirmação que tanto desejam. Elas não parecem extrair muito prazer de seus atos de rebeldia. Esperam que algum menino adolescente seja capaz de preencher o vazio e aliviar a dor interior, mesmo que isso seja bem pouco provável. Cada vez mais, novas necessidades não supridas são geradas pela ausência de algo no relacionamento dessas meninas com a mãe e/ou o pai. Em geral, o problema está no relacionamento com o pai. Trataremos dessa questão em maior profundidade daqui a pouco.

Por ora, pais e mães, esse é o mundo no qual seus filhos estão crescendo. Obviamente, nem todos eles sucumbiram às tentações e pressões que descrevi, e, em breve, falarei de algumas tendências animadoras que estão começando a surgir. Não obstante, as influências que atraem as gerações mais jovens continuam a exercer seu impacto lamentável. Nossos filhos precisam encarecidamente que conduzamos seus passos e definamos limites razoáveis para protegê-los.

Eles me lembram coelhinhos correndo por uma campina, alheios a corujas, coiotes, ursos e falcões à espreita para apanhá-los e despedaçá-los. Por vezes, parece que todos os predadores dos campos estão atrás dessas criaturinhas vulneráveis. Vocês, pais e mães, são os únicos defensores que seus filhos têm. Não se pode esperar que a escola cuide daquilo que é, claramente, responsabilidade dos pais. Nem mesmo a igreja pode salvá-los. Os pastores procuram fazer frente contra uma cultura na qual o declínio moral é muito mais sério do que foi em nossa infância. Reunir-se com os adolescentes nas tardes de sábado ou nas manhãs de domingo pode ser proveitoso, mas isso também não é suficiente.

Vocês, contudo, podem proporcionar a direção e o cuidado necessários e, mais importante, podem preencher o vazio que, do contrário, levará seus filhos inquietos a uma busca frenética pelo amparo e a companhia de outros coelhos perdidos.

Juntos, talvez possamos proteger algumas das crianças e adolescentes de hoje dos perigos que descrevi. Primeiro, porém, desejo falar mais sobre essas criaturas encantadoras que chamamos de meninas.

Quando nasce uma menina, os pais olham para ela e começam a imaginar como será seu futuro. Se ela irá se casar e com quem, se terá filhos, qual profissão terá. Quais são os sonhos que você tem para a sua garotinha?

Está cada vez mais difícil educar os filhos, com toda a carga que eles recebem da TV, internet, influência dos amigos e pressões da sociedade, especialmente as meninas, com seus hormônios e sentimentos sempre à flor da pele. Por isso, pais e mães de meninas precisam conhecer em detalhes quais são as ameaças à conquista dos sonhos de sua garota.

O dr. James Dobson compartilha neste livro seu conhecimento sobre as garotas do ponto de vista de conselheiro familiar e de pai, abordando importantes temáticas nos âmbitos psicológico, biológico e afetivo das meninas, desde a infância até a idade adulta. Questões como sexualidade, relacionamentos amorosos, amizades, desenvolvimento emocional e cuidado excessivo com a beleza são tratadas de forma clara e prática, preparando você para vencer o desafio de transformar sua filha em uma mulher forte, saudável e confiante.

ISBN 978-85-7325-697-0



9 788573 256970

Educação



mundocristão